

Um homem idoso conseguiu desarmar um bandoleiro

• O BA pretendia obrigá-lo a indicar partes estratégicas do distrito da Manhiça

por António Muiambo (texto) e Domingos Elias (foto)

Com as mãos nuas, munido apenas da sua coragem e possuído da força que a indignação dá face aos actos de terrorismo perpetrados pelos bandidos armados, um ancião de 56 anos, camponês na Manhiça, derrubou, a 30 de Outubro do ano em curso, um bandido portador de uma metralhadora AKM, que veio bater à sua porta e quis obrigar António Mungone Cossa a indicar alvos económicos e sociais a esse assassino em missão de reconhecimento. A indignação cresceu no velho e pelo caminho este cidadão fez gorar os intentos do bandido.

«Já não me recordo bem como é que as coisas se passaram. Recordo-me apenas que quando me apercebi de que ele trazia uma arma, atirei-me a ele e depois de uma luta renhida consegui apoderar-me da arma. O bandido pôs-se em fuga, pois pensou que eu fosse disparar, o que, infelizmente, não pude fazer pois não a sabia manejar» — disse António Mungone Cossa, cidadão que na Aldeia Comunal de Tsatsa, Distrito da Manhiça, por volta das três horas e trinta minutos da madrugada do passado dia 30 de Outubro, conseguiu sacar a arma de um bandoleiro, que pretendia obrigá-lo a indicar alguns pontos estratégicos do distrito da Manhiça.

António Mungone Cossa, casado, pai de um filho, é um homem de 56 anos. Contava a sua história a jornalistas nacionais durante um encontro, realizado no sábado passado, no Quartel de Boane, promovido pelo Comando Militar da Província do Maputo.

O bandido armado pretendia forçá-lo a dar indicações sobre a localização da empresa açucareira MARÁGRA, da Escola Secundária da Manhiça e da própria vila da Manhiça.

Foi em changane e, ocasionalmente, em português, que a entrevista decorreu no Quartel de Boane, onde António Mungone Cossa se encontra desde o dia 4 do mês em curso.

«Deviam ser três horas e trinta minutos da madrugada do passado dia 30 de Outubro, quando ouvi alguém bater à porta da minha casa, por três vezes consecutivas. Muito longe de desconfiar, levantei-me da cama e fui abrir a porta» — começa por referir Cossa, que acrescenta:

«Quando espreguei concluí que se tratava de um jovem, cuja idade oscila entre os 21 e os 23 anos de idade. Começou por me perguntar em chitsua, onde é que ficava a vila da Manhiça, a MARÁGRA e a região de Alvor» — elucidou-nos o nosso entrevistado. O relato prossegue:

«Respondi-lhe que ficavam muito distante da zona onde nos encontrávamos.

Então, perante esta resposta negativa, o bandido obrigou-me a acompanhá-lo. Apercebi-me de que ele trazia uma arma, enfiada num dos braços. Tentei recusar seguir com ele, mas em vão. Quando chegámos — prossegue o nosso entrevistado — ao pé da casa de um dos meus vizinhos, de nome Marcelo Comitchane Massinga, atirei-me ao bandido armado e comecei a lutar a disputar a posse da arma. A luta durou sensivelmente dez a quinze minutos, ao longo da qual a arma disparou quatro tiros para o ar. O bandido, quando viu que a arma já estava em meu poder, iniciou de imediato a fuga. Devo confessar que assisti passivamente à fuga daquele malfetor, só pelo simples facto de não saber manejar uma arma. Se soubesse não o teria deixado impune. Foi deste modo que consegui vencer um bandido, cuja missão era reconhecer alguns pontos estratégicos existentes no Distrito da Manhiça» — afirmou com ar visivelmente alegre pela vitória alcançada.

Segundo declarou ainda António Mungone Cossa, ao longo do encontro que teve com jornalistas de alguns Órgãos de Informação, na sua acção contra o Distrito da Manhiça, os bandidos armados tentam destruir parcial ou totalmente algumas infra-estruturas sociais e económicas, saqueando os bens e haveres da população residente naquele ponto da Província do Maputo.

ESTÍMULO MATERIAL

Devido ao seu acto heróico, a António Mungone Cossa foi oferecido um estímulo material constituído por um rêrio «Xirico», peças de vestuário para homem, senhora e criança, um saco de arroz, um de açúcar e outro de sal.

«O Comando Militar da Província do Maputo decidiu premiar António Mungone Cossa porque o seu gesto tem um significado bastante profundo, uma vez que se tivesse indicado os locais anteriormente procurados pelo bandido armado, estou convencido de que esses lugares já teriam sido destruídos» — disse-nos Lucas Manuel Chicote, oficial do Batalhão de Artilharia BM-21.

Este militar informou-nos ainda que a arma capturada por Cossa é da marca «AKM», sendo a África do Sul o seu país de origem. Adiantou que a referida arma já não traz o número, pois os bandoleiros raspam-no.



Momento em que o velho António Mungone Cossa exhiba a arma «AKM» que conseguiu sacar das mãos de um bandido com risco da própria vida